

1

Trabalho em grupo como estratégia pedagógica

“As crianças aprendem falando e trabalhando juntas? Gostaria que alguém tivesse me mostrado como de fato eu poderia implementar isso na minha sala de aula” foi o comentário de uma professora do 3º ano que tentava trabalhar com as crianças em estações, mas sem conseguir bons resultados. Você já notou que aprende mais sobre conceitos e ideias quando fala com alguém sobre eles, explica ou discute com outras pessoas, mais do que quando ouve uma palestra ou lê um livro? Apesar de muitos de nós, adultos, entendermos isso, é frequente encontrarmos salas de aula que não reservam tempo suficiente para que os alunos conversem e trabalhem juntos. Este é um livro para professores que querem saber como esse princípio da aprendizagem funciona com os alunos de todas as idades. Se um professor quer construir uma aprendizagem ativa, então o trabalho em grupo, planejado intencionalmente, é uma ferramenta poderosa, que oferece oportunidades simultâneas para todos.

Grupos pequenos não são a solução para todos os problemas de ensino-aprendizagem. Eles são apenas uma ferramenta útil para tipos específicos de objetivos de aprendizagem, especialmente relevantes para salas de aula com alunos de diferentes níveis de aprendizagem e proficiência na língua de instrução. A escolha pelo trabalho em grupo como uma estratégia depende do que o professor está tentando alcançar. A maioria dos professores lança mão dos grupos em complementação a uma variedade de outros formatos de aula para diferentes atividades.

O QUE É TRABALHO EM GRUPO?

Este livro define *trabalho em grupo* da seguinte forma: alunos trabalhando juntos em grupos pequenos de modo que todos possam participar de uma atividade com tarefas claramente atribuídas. Além disso, é esperado que os alunos desempenhem suas tarefas sem supervisão direta e imediata do professor. Trabalho em grupo não

é a mesma coisa que agrupamento por habilidade, no qual o professor divide a sala por critério acadêmico para que possa ensinar para grupos mais homogêneos. Também deve se fazer a distinção do trabalho em grupo no qual o professor faz agrupamentos para instrução intensiva, tais como os agrupamentos temporários utilizados para ensino individualizado de leitura ou ensino personalizado.

Quando a professora propõe aos alunos uma atividade em grupo e permite que eles se esforcem sozinhos e cometam erros, ela delega autoridade. Essa é a primeira característica-chave do trabalho em grupo. Delegar autoridade em uma atividade é fazer com que os alunos sejam responsáveis por partes específicas de seu trabalho; os alunos estarão livres para cumprir suas tarefas da maneira que decidirem ser a melhor, mas ainda são responsabilizados pela entrega do produto final à professora. Delegar autoridade não significa que o processo de aprendizagem está sem controle; a professora mantém controle por meio de avaliação do produto final do grupo e do processo pelo qual os alunos passaram para chegar àquele produto. A professora também mantém a responsabilização dos membros do grupo por meio de relatórios curtos escritos individualmente depois do trabalho.

A delegação da autoridade é bem diferente de uma prática mais comumente utilizada de supervisão direta. A professora que exerce supervisão direta diz para os alunos qual é a tarefa e como realizá-la. Ela monitora os alunos de perto para prevenir que cometam erros e para corrigi-los imediatamente.

A pergunta sobre quem está no comando do grupo é crucial; se o professor está no comando, independentemente da idade ou maturidade de seus alunos, ele irá falar mais que eles. A avaliação do professor a respeito de cada membro do grupo terá muito mais peso do que a de qualquer outro membro. Se o professor exerce o papel de supervisor direto da atividade do grupo, os participantes falarão não um com o outro, mas com o professor, que é a figura de autoridade supervisora da atividade. Os membros do grupo vão querer saber o que o professor espera que eles digam e o que pensa de seu desempenho. Mesmo quando o docente atribuir uma tarefa para o grupo, mas ficar por perto esperando para intervir ao primeiro passo errado ou sinal de confusão, não estará delegando autoridade, mas sim exercendo supervisão direta.

Uma segunda característica-chave do trabalho em grupo é a de que, em algum nível, os participantes precisam uns dos outros para completar a atividade; eles não conseguem fazer todas as partes sozinhos. Os alunos assumem o papel de professores quando sugerem o que os outros devem fazer, quando ouvem o que os outros estão dizendo e quando decidem como finalizar o trabalho, dado o tempo e os recursos limitados estabelecidos pelo instrutor.

Alunos que trabalham em grupo falam entre si sobre sua atividade. Eles fazem perguntas, explicam, fazem sugestões, criticam, ouvem, concordam, discordam e tomam decisões coletivas. A interação também pode ser não verbal, como apontar, mostrar como fazer, acenar com a cabeça, fazer careta ou sorrir. Esse processo de interação de grupo pode ser muito interessante para os alunos. Alguns, que em geral

fariam de tudo menos aquilo que lhes foi pedido, quando são envolvidos no trabalho em grupo, passam a se engajar ativamente em seu trabalho e se mantêm nele por meio da ação do grupo. Existem inúmeras razões para isso. Interações cara a cara demandam respostas ou, pelo menos, um comportamento mais atento. Além disso, os alunos se importam com a avaliação de seus colegas; frequentemente, não se recusam a participar e não querem decepcionar o grupo. Por fim, dão suporte aos companheiros para que não fiquem confusos a respeito dos papéis que devem exercer. Em geral, os alunos não interessados nas atividades de sala de aula são aqueles que não entendem as tarefas.

Uma terceira característica-chave do trabalho em grupo é a natureza da tarefa. Se o professor quer que os alunos se comuniquem de maneira autônoma e produtiva, eles vão precisar ter algo a respeito do que irão conversar. Se o professor quer que os alunos se engajem em conversas substantivas e de alta qualidade, a atividade precisa estabelecer problemas complexos ou dilemas, ter diferentes soluções possíveis e contar com a criatividade.

Apesar do trabalho em grupo ter potencial para apoiar o aprendizado, este mesmo tipo de trabalho, se feito de maneira não estruturada, pode acarretar uma série de problemas. Não necessariamente os estudantes e os próprios adultos sabem como trabalhar em conjunto de forma exitosa, por isso, é necessário aprender como se trabalhar assim. Esses problemas podem ser superados com o planejamento adequado de atividades e por meio da preparação dos próprios alunos. Esta obra apresenta alguns desses problemas e sugere soluções.

O PODER DOS PRINCÍPIOS

Ao contrário do que muitos especialistas acreditam, não há nada mais prático do que uma boa teoria. Sociólogos e psicólogos sociais criaram teorias muito úteis e pesquisas relevantes a respeito do trabalho em grupo em laboratórios e em salas de aula. Dessas teorias e pesquisas surgiram princípios aplicáveis à posição do instrutor-professor. Usando esses princípios, você pode analisar sua sala de aula e seus objetivos para planejar um formato de grupo adequado. Esses mesmos princípios gerais sugerem maneiras diferentes de avaliar o quanto a proposta foi bem-sucedida para que você possa decidir se isso funciona para sua turma e em que medida e no que pode ser aprimorado para a próxima vez.

A vantagem em se fornecer princípios gerais é que eles podem ser utilizados em qualquer sala de aula, desde o ensino fundamental até o ensino superior. As particularidades podem ser adaptadas para as diferenças de idade dos alunos e da natureza da escola. Os princípios gerais continuam guiando o planejamento, mesmo quando o contexto varia. Por exemplo, a simplicidade das instruções irá variar de acordo com a idade dos alunos, assim como a análise de quais habilidades os membros do grupo já dominam em relação às que irão precisar para resolver a atividade proposta. Questões sobre a gestão da sala de aula são diferentes entre grupos mais jovens e grupos mais antigos. Tais diferenças podem significar que o

professor precisará gastar mais ou menos tempo preparando os alunos ou que os grupos irão se desenvolver de maneiras diferentes na atividade. Contudo, princípios como o da delegação de autoridade para apoiar os alunos a ensinarem uns aos outros se mantêm.

USO DA PESQUISA

O mais relevante deste livro são as pesquisas que aplicam teorias úteis para a sala de aula. Em alguns casos, teoria e pesquisa são fortes o bastante para se afirmar com alto grau de confiança que existem efeitos desejáveis específicos do trabalho em grupo no comportamento dos alunos. Como professora de educação que também é pesquisadora da área de sociologia, Elizabeth Cohen liderou pesquisas em salas de aula por muitos anos. Sua investigação está focada no ensino por equipes, tratamento de problemas de *status* em classes interfaciais, e gestão de trabalho em grupo em salas de aula linguisticamente heterogêneas. Muitas das técnicas para o trabalho em grupo vêm dessas situações de pesquisa, nas quais se provaram ser altamente eficazes. Elas foram feitas em dois tipos de escolas dos anos iniciais do ensino fundamental: escolas dessegredadas e escolas bilíngues.

A partir da experiência de Rachel Lotan com docência nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, o Programa para o Ensino para a Equidade da Universidade de Stanford* expandiu o trabalho para que as mesmas teorias que se provaram tão úteis no nos anos iniciais fossem aplicadas nos anos finais e no ensino médio. A experiência dos professores especialistas que usaram os resultados de pesquisas dos anos iniciais sugere que os princípios gerais, de fato, são aplicáveis aos alunos mais velhos (COHEN; LOTAN, 1997a). Esses professores relataram o mesmo nível de sucesso daqueles que usaram os resultados da primeira edição deste livro.

Durante os anos de pesquisa em sala de aula, Cohen e Lotan trabalharam muito próximas a professores que haviam deixado a sala de aula para realizar seus estudos de pós-graduação. Muitas de suas teses de doutorado foram fontes de evidências para este livro. Foram esses doutorandos que fizeram a investigação relevante e prática para os professores de escolas básicas. Transitando do laboratório para o mundo infinitamente mais complexo e desafiador da sala de aula, trabalhamos juntos para ajudar professores a usar práticas pedagógicas que dão apoio ao aprendizado de todos os seus alunos.

Como instrutora de professores novatos de escolas secundárias, Cohen usou a primeira e segunda versões deste livro para ajudá-los a planejar o trabalho em grupo em suas salas de aula. Alguns exemplos no texto foram tirados de seus projetos. Como instrutora de professores iniciantes e experientes e como diretora do Programa de Formação de Professores de Stanford,** Lotan usou este livro para apre-

* N. de T.: Tradução livre de Program for Complex Instruction at Stanford University.

** N. de T.: STEP - Stanford Teacher Education Program.

sentar os benefícios sociais e acadêmicos do trabalho em grupo para audiências de professores experientes e iniciantes de muitos lugares do mundo. Alguns exemplos do texto foram tirados de projetos implementados e avaliados nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.

QUÃO VERDADEIROS SÃO OS PRINCÍPIOS?

Especialistas com muita prática obviamente gostariam de saber quão verdadeiras são nossas afirmações para suas salas de aula. As ideias irão funcionar em todos os casos? Quais os perigos de as coisas darem errado? Os riscos superam os benefícios e o trabalho extra?

Sejamos francos: não sabemos com certeza absoluta se os princípios estão assegurados sob todas as condições, mas sabemos que, para uma variedade de condições de salas de aula, os dados reforçam as proposições que fazemos. O que o professor tem de fazer é pensar sobre o que é provável que aconteça quando esses princípios são aplicados. Nenhum conjunto de receitas em um livro irá isentar o professor de sua responsabilidade. Se não parecer que algo muito inconveniente possa acontecer, então deve valer bastante a pena tomar o risco e o esforço extra para tentar alcançar alguns objetivos de aprendizagem que não poderão ser alcançados de nenhuma outra maneira.